



# PENTAGRAMA

*Revista Bimestral do Lectorium Rosicrucianum 2006 número 1*

## Luz sobre o México – ii



O HOMEM TEM A RELIGIÃO NO SANGUE

OS GRANDES PERÍODOS

A TUMBA DE PACAL VOTAN

O JOGO DE BOLA DOS MAIAS

A CRONOLOGIA DOS MAIAS

OS MAIAS MODERNOS

O MISTÉRIO DO CHAC MOOL

QUETZALCOATL

# PENTAGRAMA

## Tema deste número: Luz sobre o México - 11

---

Os maias conheciam 17 calendários que, na maioria,  
eram baseados no curso das estrelas e planetas.

Esses calendários cíclicos eram sincronizados,  
pois ajustavam-se como as engrenagens de um relógio...



### SUMÁRIO

- 2 O HOMEM TEM A RELIGIÃO NO SANGUE
- 7 OS GRANDES PERÍODOS
- 14 A TUMBA DE PACAL VOTAN
- 18 O JOGO DE BOLA DOS MAIAS
- 22 A CRONOLOGIA DOS MAIAS
- 25 OS MAIAS MODERNOS
- 29 O MISTÉRIO DO CHAC MOOL
- 31 QUETZALCOATL

ANO 28  
NÚMERO 1

# O homem tem a religião no sangue

*Acredita-se que o desenvolvimento da humanidade seja presidido por grandes forças espirituais. O esoterismo moderno fala de seres sublimes possuidores de uma força espiritual excepcional que, ao guiar certos povos em seus empreendimentos, estão, por sua vez, evoluindo. Outrora já se sabia disso, e esse conhecimento se expressava numa fé positiva: cada povo tinha seu próprio deus e obedecia à sua vontade e às suas leis. Assim também foi no México. O Popol Vuh também aborda esse tema.*

Podemos lamentar o fato de nós, homens atuais, encontrarmos-nos tão voltados para o exterior, privando-nos assim da inspiração direta das forças espirituais. Na maioria das vezes, tudo aquilo que experimentamos internamente – se é que isso acontece – não passa de uma reação àquilo que nos cerca.

Do nosso interior mesmo provém muito pouco, porque todos os nossos órgãos dos sentidos estão voltados para absorver o meio-ambiente. Além disso, nossa capacidade de “dar”, de irradiar, encontra-se muito latente. Conseqüentemente, a fonte de Amor e de verdadeiro auxílio não pode ainda fluir em nós.

Contudo, há *um* impulso que poderia às vezes aflorar à consciência do homem atual, independente de seu meio, *uma* “voz” provinda de uma pura atmosfera de paz que poderia

tocá-lo com suas expressões de harmonia e liberdade.

Desenvolvimento nem sempre é progresso

Em nossos dias, considera-se primitivos os povos que admiram Deus com ingenuidade infantil e cujos membros são fortemente ligados por sua religião. Os ensinamentos da religião cristã contribuíram grandemente para isso. O homem ocidental também conhece a religiosidade, mas sua atitude é diferente perante sua igreja ou sua fé. Para ele, elas não constituem uma necessidade vital, mas somente secundária. Muitas vezes ela é mantida somente pelo desejo de assegurar um certo modelo social, uma cultura elevada e o amor por uma conduta reta. Para essas pessoas, o que conta antes de tudo é o desenvolvimento individual. Contudo, o que traz esse desenvolvimento? No melhor dos casos, uma boa educação e, portanto, uma boa capacidade de raciocínio, inteligência e habilidades sociais. Amizades e bom gosto são importantes. Ou seja, o que demonstramos exteriormente, o que queremos que os outros vejam. O outro lado, as preocupações e dificuldades, não é bem vindo e, evidentemente, é negado. No entanto, ele está presente e desempenha, de modo inconsciente, um grande papel.

Tudo está em desenvolvimento, e isto é encorajador para o futuro. Mas não somos sonhadores. Desenvolvi-

mento, sim, mas, e progresso? Quanto progrediu o homem interiormente? Terão “seus sentimentos e emoções” se transformado no decorrer dos séculos e dos milênios? Será que ele se tornou mais nobre, menos egoísta, mais humano? Será que, nas entrelinhas de uma discussão, o ouvido percebe o suspiro não expressado de seu próximo? Será que os olhos vêem no outro a dor, não a dor do desconforto, mas a dor que provém da negação do verdadeiro *ser humano*?

De todos os sentimentos e emoções que, desde sempre e em incessante alternância, afetam o homem, absolutamente nada desapareceu. Todas essas emoções se tornam sucessivamente ativas por turnos; compulsivas e exigentes diante da consciência, subjagam o homem, que suporta tudo isso. Ele é ainda bastante passivo. Uma emoção surge em uma fração de segundo. O sangue ferve, o sentimento cresce até o paroxismo, depois desaparece e é relegado a segundo plano, antes que uma nova comoção o invada. Às vezes, uma ligeira perturbação passa como uma nuvem, sem que ele seja abalado. Mas, freqüentemente, sobrevém um temporal, ou até mesmo um furacão. E, tal como os campos e as planícies, a paisagem da alma humana aguarda até que a tormenta se acalme, não sem antes sofrer as conseqüências. E toda vez que isso acontece o sangue deve assimilar novas energias, o fluído nervoso deve apaziguar-se, e tudo isso até que a faculdade de regeneração esteja esgotada. Então, a vida é novamente devolvida à grande vida, de onde ela se originou. Em quê isso faz o homem avançar?

O sangue é mágico

Todos nós conhecemos e experi-



*Tornar-se gnosticamente consciente é realizar uma pura unidade da alma renascida com o Espírito. Tal é a idéia central verdadeira. Desse sangue, o sangue de Jesus, o Cristo, é que deveis viver. Esse sangue deve ser recolhido pelo fígado. Esse sangue deve ser inalado por vós. Desse sangue deveis ser e viver. Esse sangue é a Gnosis, que vos chama. Esse princípio é denominado sangue porque ele deve ser absorvido pelo coração na qualidade de força-luz, fazendo que o sangue mude. Esse sangue, essa força-luz, deve, em seguida, substituir o princípio de vida central, a fim de que, dessa força-luz, um homem totalmente novo se eleve no campo da ressurreição.*

Catharose de Petri, *O Verbo Vivente*



mentamos essas emoções que têm suas raízes no sangue. Por isso é dito: o sangue é a alma. Ou ainda: a alma reside no sangue. Basta perdermos dois litros e meio de sangue para perdermos a alma. Nosso corpo contém de cinco a seis litros de sangue ao qual a vida está intimamente ligada. Por meio dessa “seiva especial” que carrega as qualidades hereditárias dos pais e avós expressa-se também o caráter e a história do indivíduo sob a forma de talentos e limitações. Aquele que deseja influenciar positivamente sua vida no sentido de um desenvolvimento espiritual deve transformar-se até o sangue. Isso é algo fácil de dizer, porém difícil de fazer, porque o sangue é como um espelho que reflete na consciência tanto o mundo exterior como o interior. O mundo exterior é, pois, o reflexo daquilo que está no homem. Não poderia ser diferente. Quando a voz da energia original ressoa no homem, uma das funções do sangue é a de intensificá-la. Portanto, tudo depende de sua orientação. Se ele se voltar para a energia original, todas as qualidades divinas poderão se manifestar! Ao lado das funções biológicas, o sangue possui uma função mágica: assimilar tanto a energia espiritual positiva como a energia negativa e transformá-las em impulsos salutares ou nefastos.

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea fala acerca de uma força misteriosa. O próprio cristianismo primitivo servia-se da expressão “o sangue purificador de Jesus Cristo”. O indivíduo que estava profundamente ligado a esse sangue vivia uma vida de sabedoria e de serviço ao próximo, voltada para o reino dos céus. Cristo é o símbolo do homem que aceita, até as últimas consequências, ser inspirado pela força do Espírito e que dá a

sua vida para segui-la. A partir daí, *cada* um pode participar da liberdade interior. À medida que a nova força atua, as eventuais barreiras se afastam, de modo a apagar do sangue até mesmo as reações negativas.

Mesmo os ensinamentos mutilados que restaram do Novo Testamento falam “da liberdade do Evangelho”. Podemos ver o que os séculos posteriores fizeram desses ensinamentos: embora a força libertadora tenha se ligado à terra pelo sacrifício simbólico do sangue de Jesus, é-nos dito que, no fundo, somos pervertidos e que é prova de impiedade confiarmos em nossa própria força – isto é, na força original em nós –, nós que, na condição de “pequenos mundos”, fomos criados à imagem de Deus!

Essa essência espiritual chegou à atmosfera simultaneamente no Oriente Médio e na América Central, destinada a tocar o sangue e o coração dos homens. Há alguns milhares de anos, a lembrança dos grandes enviados da época atlante ainda vivia na memória dos povos das Américas. Eles deram ao homem uma *edificante* religião do coração: “Eleva teu coração ao mundo divino, tenta manter-te sempre sob a inspiração e o exemplo dos grandes enviados; não mergulhes apenas na vida terrestre e aprende como teu coração pode crescer e desenvolver-se, mediante a assimilação, em teu sangue, das energias divinas”.

Essa colaboração fornecia, acima de tudo, *alimento aos deuses*, pois o poder radiante do sangue, mantido pelos antigos sacerdotes, era a principal fonte de sustentação dos deuses; eles viviam de todas as manifestações da vida de sentimentos e emoções dos seres humanos. Contudo, as energias divinas originais passaram para segundo plano devido à perversão dos

Fonte interior de um edifício governamental na praça Zócalo, Cidade do México. Ela é ornada de um cavaleiro que cavalga um cavalo alado.

sacerdotes e às suas artimanhas. Seu alvo maior degenerou em pura auto-conservação, com a conseqüente luta pelo poder.

Talvez assim tenham surgido os sacrifícios humanos, a imolação de crianças, de escravos e de prisioneiros políticos, de quem, segundo os espanhóis, eram retirados o coração e o sangue. Se essas práticas execráveis eram reais, então elas constituem o oposto sinistro daquilo que simbolicamente aconteceu no Gólgota.

De alguns sacerdócios posteriores – até mesmo nos dias atuais – é dito que desfiguraram intencionalmente a essência do mistério do Gólgota, e assim diziam: “Nós, que somos a extensão dos deuses, *tomamos teu coração*, se preciso literalmente, e dele fazemos uma oferenda”.

#### A transformação do sangue

A *oferenda* simbólica que o homem faz de si mesmo torna supérflua toda magia que liga à terra.

Essa oferenda *purifica* a atmosfera de vida e torna a força crística sempre mais operante.

Lentamente, a terra se transforma: o novo impulso espiritual na atmosfera ligado a Cristo já não cessará de atuar. É possível que sobrevenham períodos em que os homens esqueçam seu nome e tudo quanto sucedeu outrora. Contudo, a mudança atmosférica teve início. O homem está pronto para a liberdade interior, e a alcançará.

Não existe verdadeira mudança sem que o sangue, a base da consciência, também mude. E essa modificação da qualidade sanguínea, do caráter da pessoa e de sua alma, requer tempo. Primeiro faz-se necessária a intervenção de um impulso que, co-

mo o fermento na massa do pão, acione o processo. Esse impulso não provém *de nossa natureza*. Se esse fosse o caso, a humanidade sem dúvida já teria há muito tempo realizado o desenvolvimento da alma. Esse era o mistério cristão que o cristianismo gnóstico original conhecia e que manteve em segredo. O sangue de Cristo transformou o coração da terra e, portanto, transformou, de modo positivo e para sempre, a humanidade inteira. Isso está se tornando visível no mundo todo. Quem volta sua atenção para esse impulso participa, em sentido absoluto, da vida universal que está sempre associada a *ele*, Cristo.

Esse é um impulso puro, proveniente do campo de vida original, que o sangue com vida espiritual irradia. Esse impulso se opõe diametralmente à natureza da própria força de autoconservação. Ele é um princípio de radiação, de propagação de Luz e de Amor. Então, é possível falar de um choque quando o homem, pela primeira vez, experimenta essa força!

Caso ele reaja positivamente, inicia-se um processo extraordinário que denominamos “mudança fundamental”, ou, ainda, a “grande revolução”, processo esse totalmente independente das condições externas ou sociais. Trata-se de uma profunda mudança interior, uma mudança no “sangue do coração” do homem.



## Os grandes períodos

Pintura mural de Diego Rivera (1886-1957), no Palácio Nacional em Zócalo, a principal praça da cidade do México, representando cenas históricas. No meio, vemos dois dos três principais animais dos mistérios: a águia segura em seu bico uma serpente.

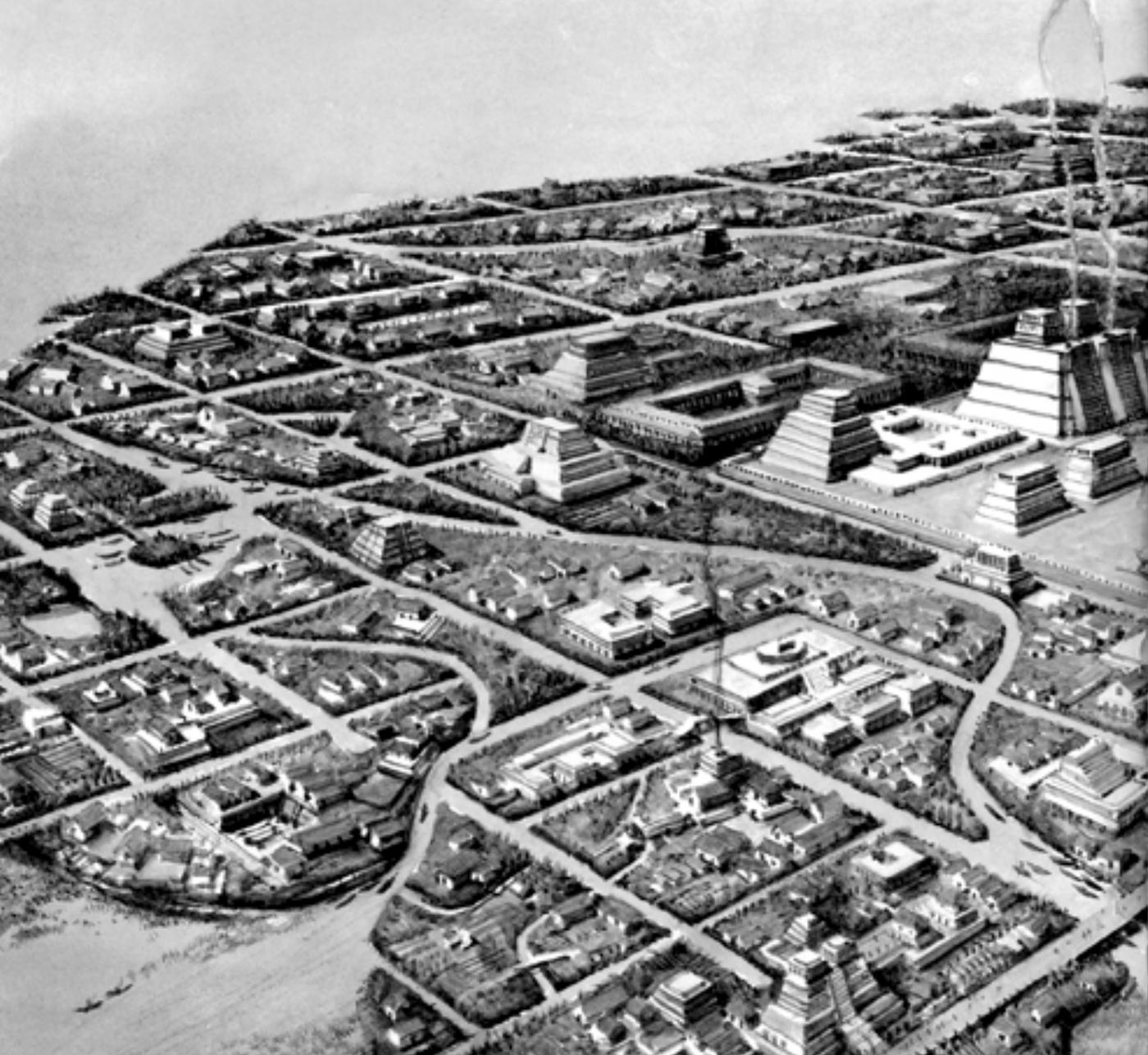
*Quase todas as narrativas sobre a Criação, as lendas, os mitos e as pesquisas esotéricas que se referem à Criação do Universo fazem referência às diferentes ondas de desenvolvimento, às eras, aos imensos períodos e às civilizações.*

**E**m nossos dias, a ciência adota a idéia de que um big bang primordial, ocorrido há aproximadamente 13,7 bilhões de anos, deu origem ao Universo. Certos ramos da ciência moderna presumem que por detrás do Universo visível existam outros Universos diferentes. As descrições e narrativas esotéricas falam de sete Universos concêntricos que são a mani-

festação das sete energias criadoras originais do Logos. A Bíblia também fala dos sete dias simbólicos da Criação, do Espírito que pairava acima das águas, do caos antes da manifestação e do Verbo que era no princípio.

A verdade nos mitos e lendas

É numa linguagem simbólica que



Mapa detalhado de Tenochtitlã, capital do reino asteca, 1475 d.C.

as narrativas e mitos apresentam a Criação. Os aspectos materiais da Criação, em suas diversas gradações – que para a ciência materialista são o ponto de partida – são, em certa medida, nesses mitos e lendas, o resultado final. Nesses mitos ocorrem estágios preliminares de desenvolvimento em que elementos ainda mais sutis que o gás penetram com sua radiação ou seu efeito magnético todos os átomos materiais.

No *Popol Vuh* é dito: “Outrora, havia somente o Universo em repouso... Só existia o céu... Nada havia

ainda sido ligado. Ainda nada havia se erguido. Só existia a serenidade da água, a tranquilidade do oceano, solitário, silencioso.... Na escuridão da noite, os criadores encontraram-se e pronunciaram a palavra”.

Uma canção polinésia sobre a Criação diz o seguinte: “No princípio, havia somente o vazio. Nem as trevas, nem a luz, nem o mar, nem o sol, nem o céu existiam. Tudo era um grande vazio silencioso e imóvel. Em seguida, o vazio se pôs em movimento...”

A epopéia mesopotâmica da cria-



ção exprime-se da seguinte forma: “Quando, no alto, o Universo ainda não havia sido nomeado e, embaixo, a terra ainda não tinha nome, sozinhos, Apsu, o Ancião, o genitor, e Ti’amat, a matriz, que tudo gerou, mesclaram suas águas; quando ainda não havia sido formado nenhum pântano, nem encontrada nenhuma ilha, e nem surgido e nem sido nomeado um só deus, nem designado a eles um destino, então de seu seio os deuses foram criados...”

Em uma narrativa da Criação no *Corpus Hermeticum* está escrito:

“Um dia, estando eu refletindo sobre as coisas essenciais e tendo o meu coração se exaltado ... me pareceu como se visse um impressionante ser, de contornos indeterminados, chamar-me pelo meu nome e dizer-me: ‘Que é o que queres ouvir e ver, e o que queres aprender e conhecer em teu Nous?’ Perguntei: ‘Quem és?’ E recebi como resposta: ‘Sou Pimandro, o Nous, o Ser que é de Si mesmo’. ... Com essas palavras o seu aspecto mudou, e logo a seguir tudo se tornou imediatamente claro para mim; e tive uma visão prodigiosa; tudo se trans-



formou numa serena e deleitosa Luz, e eu me deliciava sobremaneira à sua visão. Pouco depois, surgiu, numa parte dela, horrível e sombria escuridão, que se movia para baixo e girava em espirais tortuosas, tal como uma serpente, segundo me pareceu. Então

essa escuridão transformou-se numa natureza úmida e indizivelmente confusa, da qual se levantou uma fumaça como a que provém do fogo, ao passo que ela produzia um som como de um indescritível gemido. ... Então, da úmida natureza ressoou um grito, um chamado sem palavras, ... enquanto que da Luz se propagou um santo Verbo ... ‘Dirige agora o teu coração para a Luz e conhece-A’. Com essas palavras, Ele olhou por algum tempo fixamente no meu rosto, de modo tão penetrante, que tremi sob o seu olhar. E quando Ele novamente levantou a cabeça, vi em meu Nous como a Luz, composta de inumeráveis potências, converteu-se num mundo realmente ilimitado ... E estando eu completamente fora de mim mesmo, falou-me Ele novamente: ‘Viste em teu Nous a bela forma humana original, o Arquétipo, o princípio primordial anterior ao começo-sem-fim’. Assim me falou Pimandro”.

O mundo exterior segue leis internas de radiação

A Física descobriu que o Universo é regido por diferentes leis de radiação. É opinião geral que a Criação, em sua totalidade, está envolta por um imenso campo energético, e existe até mesmo a tendência em considerar esse campo não como um simples fenómeno natural cego, mas como uma inteligência oniabarcante. Este é um elemento sempre tido em conta nos círculos esotéricos: a Criação inteira é conduzida ao seu objetivo, guiada por esses campos de energia magnéticos sem princípio nem fim, num eterno devir. Um provérbio diz que os moinhos de Deus giram lenta, mas seguramente. Essa imagem mostra que o mundo e sua humanidade, como

parte de um corpo solar em desenvolvimento, são irresistivelmente impelidos a uma regeneração, a um soerguimento de seu estado “decaído”, e depois à manifestação de seu espírito divino.

A cosmogonia (o ensinamento relativo ao nascimento do Universo) e a cosmologia (o ensinamento relativo à construção e evolução do Universo) de Max Heindel e de Helena Petrovna Blavatsky explicam como se desenvolveram as ondas de vida da criação em todos os seus estágios até os dias de hoje.

Na cosmologia dos rosacruz, a criação do mundo (Gênesis, 1) é dividida em períodos designados pelos nomes de deuses gregos: Saturno (a terra era sem forma e vazia), o Sol (houve luz) e a Lua (haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre águas e águas). Encontramo-nos agora no período terrestre (ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o elemento seco – a terra) em que, por um acontecimento designado como queda, o homem atual veio à existência para adquirir consciência.

### Lenda maia

*No princípio, não havia nem homens, nem animais, nem árvores, nem pedras. Não havia nada. Só existia o vasto infinito vazio...*

*No silêncio das trevas enevoadas viviam os deuses Tepeü, Gucumatz e Hurakan, nomes que preservam os mistérios da criação, da vida, da morte, da terra e de suas criaturas... Os deuses aconselharam-se e deliberaram sobre o que deveriam fazer... e a luz preencheu a noite.*

A ciência esotérica explica que em nosso atual período terrestre houve épocas de desenvolvimento conhecidas pelos nomes de Polar, Hiperbórea, Lemuriana e Atlante. Atualmente o homem se encontra na época Ariana. A passagem de uma época à outra é acompanhada de cataclismos conforme mencionados nas tradições de todos os povos. A isso é dada uma interpretação alegórica e sua causa é atribuída ao persistente comportamento errôneo da humanidade. Os deuses intervêm para corrigir e confirmar. As tradições dos astecas e dos maias mostram que eles também tinham conhecimento desses cataclismos cíclicos que ocasionalmente eliminam uma grande parte da humanidade.

### Os cinco sóis

Os astecas acreditavam que o Universo se desenvolvia em grandes ciclos. Após o aparecimento da humanidade já houve quatro “sóis” – por eles chamados de ciclos. O “quinto sol” corresponde à nossa era. Numa coleção de documentos raros de origem asteca, e sobre uma “Pedra do Sol” talhada em basalto, nos tempos do imperador Axayacatl (1479 d.C.), esses períodos são descritos da seguinte forma:

“Aqueles que viveram durante o primeiro sol comiam água de milho. Naqueles tempos viviam os gigantes, que finalmente foram devorados pelos jaguares... O primeiro sol foi destruído pela água. Os homens se transformaram em peixes... Alguns se refugiaram em uma velha árvore... Sete casais se esconderam numa gruta, esperando o fim do dilúvio...

Aqueles que viveram durante o segundo sol comiam frutos selva-

Cabeças de serpentes emplumadas no Templo de Quetzalcoatl, em Teotihuacá.

Presumível cabeça de Quetzalmariposa (Quetzalpapalotl) no palácio de Quetzalpapalotl com a pirâmide de Teotihuacá, onde ficavam os sacerdotes da lua. Na linguagem náuatl a mariposa é um animal sagrado e os índios viam o Rei-mariposa como almas das crianças mortas. Por isso eles também o chamavam “filho do sol”.

No belo desenho de suas asas, eles viam imagens do rosto humano.

## Lenda asteca

*No tempo do grande dilúvio, o céu caiu sobre a terra. Quetzalcoatl e Tezcatlipoca transformaram-se em duas árvores que cresceram e cresceram tanto, que empurraram o céu para seu lugar anterior. Os dois deuses deixaram as árvores no seu lugar, nas duas extremidades da terra, e elevaram-se ao longo das bordas do céu. Eles uniram-se no meio da Via Láctea, e se tornaram assim os soberanos do céu e das estrelas.*

gens... Esse sol foi destruído pelo vento-serpente (tempestades e tornados), e os homens se transformaram em macacos... Um homem e uma mulher agarraram-se a um rochedo e foram salvos...

Os descendentes do segundo sol comiam frutos chamados tzincoacoc...

O terceiro sol foi destruído pelo fogo do céu e pelo jorro da lava. Para sobreviverem ao cataclismo, os homens se transformaram em pássaros...

Ao final do quarto sol, os homens morreram de fome após um dilúvio de sangue e fogo... A destruição veio em forma de dilúvio e inundações... As montanhas desapareceram e os homens foram transformados em peixes...

O quinto sol é conhecido como 'o sol do movimento', a era da sede de sangue e de corações... Pelo movimento da terra, todos perecerão”.

Os maias, que como os astecas e os incas pertencem a um povo solar, anunciam inúmeras criações ou eras solares alternadas por períodos de obscuridade. Assim como o Popol

Vuh, uma lenda conta que já houve quatro eras solares, que podemos identificar como sendo as épocas Polar, Hiperbórea, Lemuriana e Atlante. Em sua simbologia, esses mundos solares assemelham-se às épocas solares dos astecas, que acabamos de mencionar.

O reino do primeiro sol dos maias encontra-se sob o signo da terra; o do segundo sol está sob o signo do ar; o do terceiro sol, sob o signo do fogo; o do quarto sol está sob o signo da água. O mundo do quinto sol está colocado sob a regência do deus Tlaloc, que, como deus da água e pólo oposto do sol, é também o deus do fogo sagrado. Tlaloc está unido à deusa da fertilidade, o que o torna também a força criadora de um novo homem vindouro. Ele assenta as bases do quinto mundo ao qual a humanidade atual poderá pertencer. Enfatizamos a palavra “poderá”, pois o quinto mundo anuncia uma era de realização que depende da compreensão e do estado de consciência do indivíduo. É o reino do sangue.

Os maias representaram essa realização no santuário de Chichén Itzá, onde o sol que se eleva acima do Templo dos Guerreiros e se põe acima do Templo dos Jaguares tinge de vermelho o Chac-mool. O sangue simbólico do coração humano é derramado em testemunho do sacrifício do eu, a fim de elevar-se numa vida espiritual.



# A tumba de Pacal Votan

*Tumbas em forma de templos, pirâmides e montes sempre têm tido, em todo o mundo, um significado simbólico. Elas são marcos temporais que durante o curso da história ou exprimem ou se tornam um símbolo pela grande impressão que causam naqueles que os contemplam. Assim como as Pirâmides de Gizé, elas podem mostrar aos homens que praticaram as suas lições e compreenderam os ensinamentos da escola terrena e os vivenciaram, que podem deixar este mundo com “o coração em paz”.*

No curso da existência, para que a consciência interior da alma possa renascer, a consciência natural do homem deve “diminuir”, “reduzir-se a nada”, desaparecer. Este não é um processo que, por definição, está subordinado à morte do corpo: trata-se de uma morte simbólica que pode ocorrer durante a vida. O antigo Egito representa esse princípio universal pelo sarcófago vazio na câmara do rei, na grande Pirâmide de Quéops. É sabido que jamais alguém foi ali sepultado; esse sarcófago tem apenas um significado simbólico. Os antigos egípcios chamavam o platô da grande Pirâmide de “*Rostau*”, que significa literalmente: “a porta para o outro mundo”. O cristianismo transmite a mesma idéia com o sepulcro de Jesus, encontrado vazio, à exceção do sudário. Os rosacruzes, seguindo as pegadas de Hermes, falam do (sim-

bólico) “corpo intacto de Cristiano Rosacruz” que eles descobriram, por acaso, numa tumba vivamente iluminada.

No México central, onde se encontram as famosas pirâmides do Sol e da Lua, bem como o templo-pirâmide de Quetzalcoatl, o mesmo princípio se reflete na denominação “Teotihuacã”, que significa: “o lugar onde o homem se torna Deus”. Em Palenque, Iucatã, foi descoberta, em 1773, uma cidade-templo datando de 600 a 800 d.C. Ali foi descoberto, em um outro templo funerário em forma de pirâmide, o corpo do sacerdote-rei maia Pacal Votan. Nessa tumba do século VII, o simbolismo e a realidade caminham de mãos dadas. No decorrer da exploração do Templo das Inscrições, em 1949, e após o exame do sarcófago desse príncipe maia, o arqueólogo Alberto Ruz encontrou uma pedra particularmente grande atravessada por duas fileiras de buracos, fechados cada um por uma cavilha de pedra. Ela dissimulava uma abertura que dava para uma escada cheia de restos de entulho. Tendo em vista o tamanho e o peso dessa pedra (5 toneladas), é impossível que ela tivesse sido introduzida no templo. Esse maravilhoso edifício, ornado com múltiplos símbolos, havia sido destinado, desde o início, a ser um templo-sepulcro. A remoção do entulho durou quase um ano, e na base da escada foi descoberta uma câmara fechada por uma pedra trian-

gular. Por detrás dessa pedra havia um corredor que levava a um grande subterrâneo de 9 metros por 7, onde se encontrava a tumba intacta de Pacal Votan. O rei-sacerdote portava uma máscara de jade verde. Na boca da máscara estava colocado um amuleto em forma de T, sinal de sua condição divina, e em sua boca havia uma pedra de jade redonda como símbolo de imortalidade. Em suas mãos também havia pedras de jade: na mão direita, um cubo de jade, e na mão esquerda, um globo. Pacal Votan significa ao mesmo tempo “protetor do sol” e “aquele que pertence à linhagem das serpentes”.

A tumba estava recoberta por uma grande placa retangular, ricamente esculpida. Livros inteiros surgiram a respeito do personagem central representado no sarcófago, o qual contém indicações de que os maias possivelmente tinham contatos extraterrestres. Uma outra explicação, de natureza esotérica, é que esse personagem seria uma deusa da fecundidade. Em suas mãos ela segurava uma folha de lis e estava rodeada de água. Ela traz ao mundo o filho do Sol que ela concebeu com seu esposo, como deus da água e ao mesmo tempo deus do fogo sagrado.

Outros pesquisadores encontraram, nessa placa, indícios da ciência dos maias, ciência concernente ao macrocosmo e aos cinco grandes períodos de desenvolvimento da consciência da humanidade, simbolizados pelos cinco sóis mencionados na história da criação dos maias, segundo o *Popol Vuh*. Mas esses baixos-relevos são, sobretudo, a expressão do saber mítico dos maias no que diz respeito à morte e ao renascimento. Múltiplas expressões simbólicas foram usadas para proteger esse pro-

fundo conhecimento de olhos profanos.

Ao lado do Templo das Inscrições eleva-se o Palácio, também chamado de Torre do Vento. Diz-se que essa torre servia de observatório astronômico. Ela é composta de quatro pavimentos, e poderia significar a mesma coisa que a câmara do rei da Pirâmide de Quéops, que também se encontra no quarto nível.

Um pouco mais distante está o Templo da Cruz, no qual Pacal Votan e seu filho estão representados, tendo, em ambos os lados, uma grande cruz. Os maias sabiam, assim como os primeiros cristãos, que a cruz é o símbolo da vida terrestre (o madeiro horizontal) e da ressurreição espiritual (o madeiro vertical). Por fim, nota-se ainda que em Palenque, no Templo do Governador, três novas tumbas foram encontradas, enquanto que em 1994, em um pequeno templo vizinho do Templo das Inscrições, foi feita a espetacular descoberta de uma tumba contendo o corpo paramentado de jade da assim chamada Rainha Vermelha, a Rainha das Almas.

No México, indubitavelmente ainda devem existir muitos vestígios insuspeitos de civilizações bastante antigas, vestígios enterrados na floresta virgem, que testificam de modo especial do laço eterno que une os homens aos deuses. Todos esses templos foram edificadas para que os homens jamais esquecessem que não pertencem a este lugar e que eles são estrangeiros temporariamente na terra, ou como dizem os índios do México: “Este mundo é um mundo onírico, do qual devemos despertar. Para tanto, é preciso vencer a si mesmo”. Eis por que um índio é um guerreiro.

Páginas 34-35:  
Templo de Teuchtitlã,  
a morada do  
primeiro e único  
deus, situado a 60 km  
de Guadalajara.





## O jogo de bola dos maias

*Um dos mais misteriosos elementos da cultura maia é o jogo de bola. Nesse jogo, duas equipes opostas tinham de lançar uma grande bola de borracha através de vários círculos. Mais tarde, retomado por outros povos, notadamente os astecas, esse jogo alcançou grande popularidade, conforme o testemunham numerosos locais encontrados nos sítios arqueológicos. Cenas desse jogo também são encontradas em numerosas inscrições maias. Tem havido muita especulação quanto ao significado desse jogo. Na literatura ele é com frequência relacionado a práticas sacrificais, nas quais o coração do vencedor era arrancado e oferecido aos deuses.*



Há indícios que mostram que esse jogo era mais que um simples esporte ou passatempo folclórico. Como na Alquimia, ele apresenta dois aspectos: o esotérico e o exotérico. Os locais consagrados à sua prática, por exemplo, encontram-se quase sempre no recinto de um templo, como o de Tonina, na cidade mexicana de Chiapas, onde se pode chegar somente atravessando o campo do jogo de bola. No *Popol Vuh*, o livro sagrado dos maias, a narrativa acerca dos heróis gêmeos dá a esse jogo um papel de crucial importância. Ele é composto de numerosos símbolos. Que significado ele teria? Seria ele fruto de um conhecimento esotérico?

Um dos maiores campos de jogos encontra-se no interior do templo de Chichén Itzá, na península de Iucatã. Ele é limitado por dois grandes muros, um a oeste e outro a leste. Nos dois muros elevam-se três pórticos de pedra, nos pontos precisos onde o sol se eleva ou se põe, respectivamente no solstício de inverno (21 de dezembro), nos equinócios (21 de março e 21 de setembro) e no solstício de verão (21 de junho). Sobre esses pórticos, no alto do muro, é possível ver os restos de aberturas circulares talhadas na pedra e ornadas de duas serpentes que se entrelaçam, com a cabeça e a cauda quase se tocando. Era através desses círculos, a uma altura de dezena de metros, que eles deviam lançar a bola. Essa bola pesava vários quilos e não podia

ser tocada com as mãos nem com os pés, mas unicamente com o corpo, o que era quase impossível. Isso explica por que os vencedores desse jogo eram oferecidos em “sacrifício” aos deuses. Mais tarde, os astecas e os espanhóis o interpretaram do seguinte modo: eles acreditavam que eram os perdedores que eram oferecidos em sacrifício. Eles não compreendiam o que esse “sacrifício” realmente representava. Para um guerreiro maia, esse “sacrifício” era uma honra suprema.

#### O jogo dos filhos dos deuses

Esse jogo era praticado por duas equipes, tendo cada uma delas sete jogadores. No muro do campo do jogo de bola ainda é possível ver antigos baixo-relevos representando as equipes. Cada jogador aparece trazendo sua mais bela veste; em certos casos, eles ostentam adornos de guerra. O chefe da equipe ganhadora está ajoelhado junto à bola; ele é decapitado, e de sua coluna vertebral elevam-se duas serpentes. Na própria bola está desenhada a cabeça de um morto. O jogo estava, portanto, ligado à idéia de morte. Mas, a que tipo de morte? Examinemos uma das narrativas mitológicas feitas no *Popol Vuh*, onde esse jogo tem um papel importante.

Os magos do *Popol Vuh* relatam o seguinte: o jogo de bola dos filhos dos deuses, cheios de força e entu-

Anel formado por duas serpentes, através do qual devia passar a bola do jogo.



Templo da Serpente Emplumada (Kukulcán) em Chichén Itzá. Dizem que esse grande centro maia de Iucatã foi fundado por Kukulcán, a Serpente Emplumada, vinda do Oriente em companhia de vinte gloriosos guias. No equinócio da primavera, a pirâmide oferece a imagem de uma serpente de sombra e luz que desce.

siasmo, provoca os nove exércitos da noite, que são os habitantes do mundo inferior. Eles não podiam tolerar a idéia da existência de seres mais fortes e mais belos que eles. Daí, tentam atirá-los no mundo inferior, e, a partir de então, a luta tem início. Os filhos dos deuses descem ao mundo inferior onde, tomados de surpresa, sucumbem aos exércitos da noite. Eles são levados à morte por decapitação e suas cabeças são suspensas nas árvores. Então acontece um milagre: as cabeças se transformam em cabeças. O sumo dos frutos fecunda uma das filhas dos exércitos da noite. Ela tem, então, de fugir do mundo inferior, e ao chegar à superfície da terra dá à luz os heróis gêmeos. Estes são os novos herdeiros divinos. Durante uma viagem, os heróis gêmeos descobrem as regras do jogo de bola praticado por seus antepassados, bem como a bola e suas vestes. Eles aprendem rapidamente a jogar e retomam

o combate com os exércitos da noite. Através do jogo, uma transformação espiritual se efetua. A lembrança de sua verdadeira missão divina é despertada e eles tentam derrotar os exércitos da noite. Porém, sua vitória leva irremediavelmente à morte.

### Uma metáfora da vida

O *Popol Vuh* mostra que essa morte não é definitiva, mas significa renascimento para uma nova vida. Simbolicamente, a luz se oferece em sacrifício às trevas, e justamente por isso ela triunfa. O contrário não é possível, pois sem o “morra para viver”, a voz do divino não pode ressurgir.

Tendo um significado sagrado e primordial, o jogo de bola era, para os maias, uma metáfora da vida mesma. Os jogadores manipulavam uma bola que não podiam tocar, tal como a força que se manifesta na vida

do homem e que o guia, uma força fora do alcance da consciência *dialéctica*. É um estímulo interior que incessantemente nos impulsiona. O jogo é uma escola de aprendizagem. Podemos ver a trajetória da bola e sua precisão como o reflexo da consciência. Acrescentemos ainda que, nos tempos dos maias, esse jogo era praticado pela classe sacerdotal, que era a mais elevada, e prefigurava o futuro de seu povo. À primeira vista isso pode parecer estranho, mas corresponde às leis que se repetem incessantemente. Partindo da idéia “estado de consciência é estado de vida”, podemos compreender que o jogo de bola e seu desenrolar é tão-somente uma expressão do estado de consciência do momento. A vida e os atos de cada indivíduo são o reflexo de sua consciência; assim também o destino de um povo é o reflexo de sua consciência.

Quando os guerreiros, após inúmeros exercícios, finalmente dominavam o jogo e podiam dar à bola a trajetória divina através dos círculos, eles haviam alcançado o máximo da vida aqui em baixo. Os círculos se encontravam no ponto onde o sol os atravessava em determinados momentos do ano. Para os maias, o sol era o supremo símbolo do divino. Quando a bola passava pelos círculos, então o jogo, ou seja, a vida, entrava em harmonia com as leis divinas, e a vontade divina podia novamente se expressar através do homem ou do povo. Daí compreende-se por que o jogador, o homem que havia alcançado esse estágio, considerava normal a aceitação da morte, isto é, a morte daquilo que é inferior, a morte do eu. E isso era tão natural, que ele entrava num novo estado de consciência, livre das veleidades humanas.

O sacrifício do coração dos vencedores, tal como o descreve o *Popol Vuh*, é um renascimento para a nova vida.

### O Templo dos Guerreiros

Nos sítios arqueológicos vemos que a morte dos jogadores não era algo definitivo. Como dissemos, o jogo de bola era praticado em locais sagrados, no interior dos recintos templários. Tomemos como exemplo Chichén Itzá. No templo que faz divisa com o terreno do jogo de bola, podemos ver pinturas em que águias e jaguares trazem os corações dos jogadores em suas garras. Esses animais, considerados sagrados pelos maias, purificam o coração dos jogadores soprando neles seu alento vital. A antiga natureza desaparece lentamente e é substituída por uma nova consciência. Após a purificação do coração, o guerreiro era mergulhado na fonte santa chamada *cenote*. Nessa fonte, todo o sistema era renovado. Os guerreiros, assim renascidos, recebiam um lugar no “Templo dos Guerreiros”, onde eram representados nas colunas. A entrada do templo é orientada na direção do jogo de bola. Os guerreiros permanecem envolvidos com o jogo. O jogo não pára jamais. A vida é uma contínua passagem de um estado de consciência a outro. As experiências feitas durante o jogo da vida conduzem o homem a *insights* que o levam a uma nova consciência graças à qual ele reinicia o jogo. Assim o homem se eleva num caminho em espiral, em contínuo desenvolvimento, balizado pelas experiências, e adquire entendimento e consciência.

# A cronologia dos Maias



*Fascinados pelo tempo, os antigos maias tornaram-se célebres por seus métodos de cartografia e por sua habilidade em fazer previsões a partir do estudo dos ritmos cronológicos. Seus conhecimentos fundamentais concernentes ao tempo não eram uma invenção deles; eles nada mais fizeram que aperfeiçoar as elaborações de povos anteriores, como os olmecas, por exemplo. Os maias conheciam dezessete calendários que, na maioria, eram baseados no curso das estrelas e dos planetas. Esses dezessete calendários cíclicos eram sincronizados, pois engrenavam-se uns nos outros como as rodas de um relógio. A precisão surpreendente desses ciclos deve-se ao fato de que são baseados nos ritmos cósmicos.*

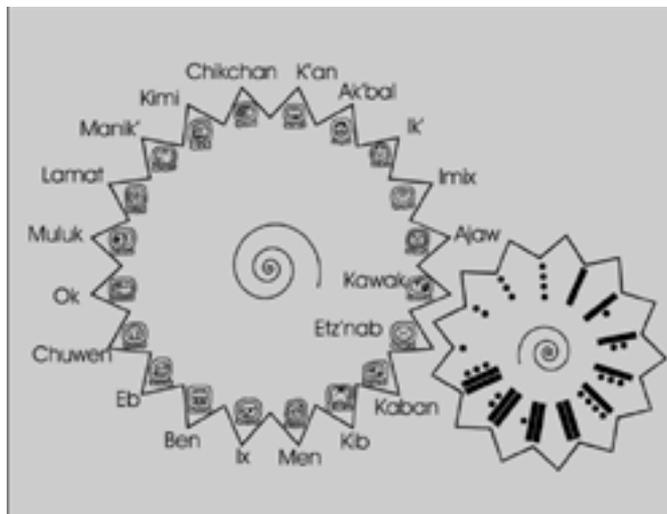
Nos calendários maias alguns números desempenham um papel importante. Primeiro, o número 20, que é a base de contagem da unidade, assim como o número 10 em nosso sistema decimal. Os calendários maias eram subdivididos em calendários terrestres e calendários sagrados. Para os primeiros, o número-chave era o 9, número esse que simboliza a humanidade. Na Bíblia é mencionado o grupo dos 144.000 que serão salvos, ou seja,  $(1+4+4=9)$  o 9, com o mesmo significado. Os maias tinham consciência de que a humanidade se encontra numa condição não-divina, caracterizada pela dualidade, pela dialé-

tica. Assim, seu calendário terrestre principal baseava-se em duas vezes nove. Multiplicado pelo número-base, 20, resultava em 360 dias, aos quais eles acrescentavam ainda cinco dias especiais, denominados “dias fora do tempo”, para calcular o ano solar de 365 dias.

Já com o calendário sagrado era diferente: a base 20 aparecia nele igualmente, mas, dessa vez, multiplicada pelo número sagrado 13, o número divino para os maias. Pensemos no papel principal representado pelo número 13 nos mistérios cristãos, por exemplo, Jesus no centro dos doze discípulos. O calendário sagrado, também denominado “Tzolkin”, existia a partir de uma combinação de vinte assim chamados selos solares e treze tons sagrados. Isso produz 260 variações (dias) no total. Cada dia tinha um significado especial, dependendo de sua combinação.

Num período mais amplo, a vida terrestre e a vida sagrada uniam-se numa mesma contagem. O calendário sagrado combinado com o calendário solar terrestre formava um grande ciclo de 52 anos (o menor múltiplo comum de 260 e de 365). O ciclo de 52 anos é igualmente construído por quatro vezes treze anos. Quatro elementos, quatro direções dos ventos, multiplicados pelo o número sagrado treze, formavam desse modo um ciclo perfeito. Na cultura maia, aquele que tivesse completado 52 anos de idade era chamado de sábio.

Os maias utilizavam igualmente um calendário lunar, que consistia em treze meses de 28 dias por ano. Além do profundo significado do número treze, devemos admitir que esse calendário maia é mais lógico que o nosso, de doze meses irregulares. Sabemos que são treze períodos de lua



cheia num ano.

Junto aos calendários que mediam os anos, os maias se ocupavam em calcular períodos de tempo maiores. O mais famoso desses ciclos maias é sem dúvida o dos treze grandes períodos (*baktuns*) que termina em 21 de dezembro de 2012. Através de descobertas arqueológicas foi possível precisar o início desse calendário em 3114 antes de nossa era.

É provável que os maias tenham feito uma conta ao reverso. Para eles, não era o início, mas o fim da crônica que importava. Mas o que significa esse 21 de dezembro de 2012?

O dia 21 de dezembro é uma data fundamental: é o dia mais curto do ano, a partir do qual a luz começa a aumentar lentamente. Segundo os maias, era neste nadir invernal que o antigo sol morria, dando nascimento a um novo sol. Visto da terra, o sol do dia 21 de dezembro realiza, ao longo dos anos, algo como um deslizamento, tendo ao fundo as constelações. Esse fenômeno é denominado precessão dos equinócios, devido a um movimento circular do eixo de rotação da terra em torno de uma perpendicular ao plano da eclíptica. O sol passa pela mesma posição a cada 26.000 anos aproximadamente. Os maias co-

Desenho segundo um baixo-relevo do calendário sagrado maia com duas rodas e 13 vezes 20 discos solares.

## Voladores: um antigo ritual indígena

*Trajando vestes tradicionais, cinco homens sobem ao topo de um mastro de trinta metros que termina numa plataforma onde executam um rápido cerimonial, em silêncio. Ao som do tambor e da flauta, o mestre de cerimônias começa uma dança, voltando-se para os quatro pontos cardeais, em homenagem ao sol divino. Os outros quatro “voladores” se prendem pelos calcanhares às cordas fixadas no topo do mastro; em seguida eles oscilam no vazio, primeiro a cabeça, rodopiando em direção ao solo à medida que a corda, enrolada treze vezes, se desenrola. Os braços ficam estendidos em sinal de veneração ao Sol.*



impressionantes transformações. Tal acontecimento é salientado principalmente nos meios espiritualistas ocidentais. Alguns chegam mesmo a pensar que ele significa o fim do mundo. Quanto a isto, notamos que os maias não fizeram nenhuma referência ao fim do mundo. Para eles, existiam apenas ciclos em que todo fim engendra um novo começo; e, no caso que nos interessa, iniciar-se-á uma nova ronda de treze períodos. Como toda fase de transição, essa época deverá caracterizar-se pela afluência de novas possibilidades para a humanidade progredir para uma consciência superior.

Viver em harmonia consciente com os ritmos cósmicos do coração divino: esta é a mensagem universal que, com seus calendários, os maias nos legaram.

nheciam esse processo. A particularidade do ano 2012 consiste em que o sol do dia 21 de dezembro desse ano estará na constelação do Arqueiro (Sagitário). Quando, de noite, contemplamos o céu – com a condição de ele estar limpo, e não escurecido pela poluição – é possível ver que a constelação do Arqueiro coincide com o centro da Via Láctea. Portanto, no dia 21 de dezembro de 2012, a terra, o sol e o centro da Via Láctea estarão alinhados. Para os maias, o ponto central de nossa galáxia é como uma imensa matriz cósmica, o núcleo divino de onde tudo se origina e onde tudo eventualmente desaparecerá.

No dia 21 de dezembro de 2012, o novo sol receberá sua energia desse coração divino para irradiá-lo sobre a terra. Esse será um momento especial que, segundo alguns, conduzirá a



## Os Maias modernos

*Se um dia emprendermos uma visita à Mérida, a capital da península de Iucatã, situada ao leste do México, nós nos veremos rodeados por uma modernidade de estilo americano estranhamente mesclada à antiga civilização maia. No ônibus, jovens na última moda estão ao lado de mulheres em trajes tradicionais “huiupil”. Os sinais, as inscrições e a arte metafórica dos antigos maias revestem com formas novas os arredores dos templos. Numerosos artistas asseguram sua subsistência com a venda de belos souvenirs aos turistas.*



Tudo isso pode ser percebido exteriormente. Mas a civilização maia integrou-se à vida dos habitantes do México em um plano mais profundo. Cada ano, no dia 21 de março, no dia em que o sol atravessa o equador no equinócio da primavera, milhares de pessoas se reúnem na cidade-templo de Chichén Itzá para assistir ao espetáculo de luz e sombra sobre a pirâmide de Kukulcã.

#### A sabedoria da serpente

Kukulcã é a figura mais marcante da cultura maia. Ele é o símbolo do homem que realizou o divino em si mesmo. Os astecas o chamam de Quetzalcoatl, a “Serpente Emplumada”.

A pirâmide de degraus de Kukulcã tem nove níveis. Em cada lado da pirâmide encontra-se uma escada de

91 degraus. Contando com o topo da plataforma temos 365 degraus, que correspondem ao número de dias do ano solar. No dia 21 de março, durante algumas horas, após o meio-dia, podemos ver a sombra produzida de um dos lados da pirâmide sobre a parte lateral da escada que fica ao norte. O fenômeno dá a impressão de que uma serpente de luz e sombra desce a escadaria. Embaixo da escada encontra-se uma escultura em forma de cabeça de serpente, sempre iluminada. Com isso podemos imaginar a soma de conhecimentos astronômicos e arquiteturais necessários para alcançar tamanha precisão.

Os guias dizem, superficialmente, que essa serpente parece ser o símbolo da fecundidade, o que não é falso. Mas, para muitos visitantes vindos dos arredores o fenômeno tem um sentido mais profundo. A “serpente

Um apicultor examina um ninho de abelhas sem ferção que são tradicionalmente criadas dentro de troncos de árvores. O mel colhido é, para os maias, uma substância sagrada, utilizada como remédio.

emplumada” era o símbolo principal dos antigos maias. A serpente do tempo, isto é, as ondas do “subir, brilhar e descer” características da natureza terrestre, traz as asas da águia da eternidade. Essa serpente desce na terra para transmitir aos homens a sublime mensagem, quando os dias e as noites têm a mesma duração, o momento psicológico em que a luz triunfa sobre as trevas.

“Como está o teu caminho?”

Quando, no início do século XVI, os espanhóis conquistaram o México, a civilização maia já houvera há muito alcançado seu apogeu. Depois de séculos ela se mesclou ou se impôs a outros povos, como os toltecas e os astecas. Em seguida, a colonização espanhola fez numerosas vítimas entre os maias e destruiu quase todos os seus escritos, dando, com isso, a impressão de que desejava fazer desaparecer completamente sua civilização, da qual nada mais resta, no leste do México, além da essência sempre presente no coração de quase um milhão de pessoas que continuam a se qualificar de maias. Seus antigos costumes mesclaram-se de modo surpreendente à cultura ocidental. Por isso, muitas pessoas em Iucatã ainda falam uma das numerosas línguas maias, línguas de extrema complexidade cujas palavras têm freqüentemente um sentido simbólico. Quando, por exemplo, eles se encontram, dizem: “Biix a Bel?”, o que significa literalmente: “Como está o teu caminho?”

A maior parte dos habitantes das terras baixas ainda veneram os inumeráveis deuses maias, que nada mais são que manifestações do único e inominável *Hunabku*. Embora indefiní-

vel (assemelhando-se ao Tao dos chineses), um maia moderno faz dele a seguinte descrição: “Ele é o que une, no Universo e além, o coração de todas as coisas deste mundo”. Como os deuses maias são manifestações da divindade única, e não a divindade mesma, pouco importa a quem as preces se dirigem. Desse modo, os maias não encontram nenhuma dificuldade em venerar os santos católicos ao lado de seus múltiplos deuses. Nisso eles não vêem nenhuma ofensa. No decorrer da colonização, eles se converteram ao catolicismo, porém continuaram a praticar seus antigos ritos.

A cultura maia contemporânea caracteriza-se por uma visão universalista do mundo onde tudo está ligado a tudo, e onde não existe o acaso. Assim, os maias das terras baixas são bastante conscientes tanto da existência de outras civilizações como dos ritmos da natureza, e levam em conta a posição do sol, da lua e das numerosas constelações, como a de Órion e as Plêiades. Alguns até mesmo seguem o antigo calendário maia onde cada dia tem sua coloração e caráter próprios.

O simbolismo moderno da abelha

A vida natural de uma colméia é o reflexo das sociedades humanas. Com relação a isso os atuais maias conhecem uma antiga tradição: a criação de abelhas sem ferrão, tradição essa que desempenhou um papel importante em longínquo passado. Muitos de seus antigos manuscritos mostram a reprodução dessas abelhas, cujo deus é freqüentemente associado a Vênus. Quando os colonizadores conquistaram o país, eles trouxeram a abelha comum européia. Mas essa abelha,

que ferroava, tornou-se maior e mais agressiva que em sua terra de origem. Em consequência de manipulações genéticas realizadas no Brasil há algumas décadas, nasceu o que chamamos de “abelhas assassinas”. Elas são mais produtivas, porém tão agressivas que um enxame pode atacar um homem e ferroá-lo até a morte. Essas assassinas cruzam muito rapidamente com as abelhas comuns, mas não com as abelhas sem ferrão. Para estas últimas, elas constituem uma ameaça, atacando e pilhando suas colméias, tornando sua vida cada vez mais difícil.

Um maia pode ignorar os aspectos que jazem por detrás desses fatos, mas para ele a história fala. Ele conhece a lei que determina que as coisas do mundo exterior sejam o reflexo do mundo interior. A cultura ocidental tornou-se cada vez mais combativa, acontecendo o mesmo com as abelhas. As abelhas nativas do país, símbolo de sua cultura, desapareceram em presença da sociedade moderna, materialista e dura, que agride os maias. Quando dizem que está na hora de aqueles que têm consciência protegerem esse inseto vulnerável permitindo-lhe, assim, sobreviver, os maias vêem aí uma mensagem universal: se a sutil voz interior não é ouvida nem protegida, ela se perde na violência e no tumulto do mundo.

Talvez seja justamente por esse contraste entre o tradicional e o moderno, entre um passado espiritual e um futuro que ameaça tornar-se cada vez mais materialista, que o México tenha muito a oferecer aos pesquisadores. É o país de uma antiga sabedoria que inspira uma profunda pesquisa pessoal. Se os templos conhecidos são diariamente invadidos pelos turistas, naqueles que são menos conhecidos os mexicanos, ao

nascer ou ao pôr do sol, praticam suas cerimônias ou vão até ali para meditar por uns momentos. Esse país constitui ainda uma grande fonte de inspiração para seus habitantes.

Junto aos camponeses tradicionais, há muita gente nas cidades que carrega em seu coração a antiga cultura maia. Existem numerosas sociedades e movimentos ligados à mensagem original dessa antiga civilização. Algumas pessoas se qualificam explicitamente de gnósticas e mostram na sua filosofia como sua tradição é aparentada com a sabedoria oriental, o cristianismo original e a sabedoria de Hermes Trismegisto. Porém, há geralmente uma certa reserva com relação a isso, visto que o México está sob a influência da Igreja Católica.

Ao mesmo tempo, há cada vez mais contatos com a herança de outras culturas da América do Sul, como a dos incas do Peru, com a qual a cultura maia possui muitas analogias. Os maias foram massacrados, e seu patrimônio cultural, atirado ao fogo, mas muitas de suas concepções permanecem vivas. Sua mensagem é universal, atual e instrutiva. Quanto ao pesquisador, ele encontra na magia da antiga civilização maia uma fonte bastante rica de inspiração.

# O mistério do Chac Mool

*Sem dúvida, uma das esculturas mais peculiares da arqueologia mexicana é o Chac Mool. Uma das estátuas mais famosas podemos encontrar no centro do Templo do Guerreiro. Cercada de muitas especulações sobre sua origem e função, ela contempla indiferente a sagrada Chichén Itzá e prima pelo silêncio. Afinal de contas, o que representa essa figura misteriosa da mitologia maia?*

Chichén-Itzá é provavelmente o mais famoso sítio arqueológico da península de Yucatã. Nesse local, a leste da imponente pirâmide de El Castillo, encontra-se o Templo do Guerreiro, magnífica construção em forma piramidal, onde jaz um dos mais famosos Chac Mools.

O Chac Mool é uma figura humana sempre representada na posição sentada, com as costas inclinadas para trás, as pernas encolhidas e a cabeça virada para o lado. Sobre sua barriga, ela segura um recipiente de forma retangular ou circular.

Embora congelada no tempo nessa posição desconfortável, ela parece repousar tranqüila dentro de uma arca invisível que mal pode conter seu corpo.

A respeito de suas vestes, podemos dizer que ela traja uma armadura muito similar à dos guerreiros toltecas e ostenta sobre o santuário do coração uma borboleta.

Ao vê-la pousada no coração do guerreiro, não podemos deixar de pensar em Psique, a alma que, após ter sido tocada pelo amor divino,

enfrenta toda a sorte de atribulações para renascer na imortalidade. A borboleta simbolizava o cosmo maia e era o emblema de Xiutecutli, o deus do fogo cósmico.

Em sua mão direita, o guerreiro Chac Mool carrega o *atlatl*, um artefato de guerra para arremessar

lanças, que em sua origem era ligado ao elemento água, visto que era dedicado primordialmente à pesca.

Embora a maioria dos arqueólogos acredite que os Chac Mools serviam como altar de sacrifícios humanos, alguns são de opinião que, na realidade, eles eram uma espécie de intermediário, um canal de comunicação entre os ho-

mens e os deuses. De fato, muitas culturas da América Central vêem-no como um deus cuja missão era conceder o dom da verdadeira vida aos mortais.

Em cada lado do Chac Mool há uma coluna que representa a serpente emplumada Kukulcã. Além de ser o deus da criação e da ressurreição, Kukulcã encarnava também o herói divino que dominava os quatro ele-



mentos alquímicos. Essas serpentes são as guardiãs do Chac Mool. Seus corpos constituem as próprias colunas, suas bocas abertas são esculpidas na base e seus rabos formam os lintéis.

Seres alados sempre foram descritos em lendas de diversas civilizações. Vemo-las, por exemplo, na arte egípcia, onde uma figura impressionante de uma serpente alada cobre com suas asas o deus Osíris. Há várias tumbas no Egito que contêm serpentes aladas, desenhadas em paredes opostas.

No livro do Êxodo, capítulo 25, versículo 10, lemos sobre um objeto sagrado que é velado por dois seres angelicais: a arca da aliança, a arca do novo convênio.

Segundo a tradição judaico-cristã, Miguel e Gabriel são reconhecidos como os guardiães que ficam face a face sobre a arca e estendem suas asas para proteger o tesouro divino.

Miguel é conhecido como o príncipe guerreiro que empunha sua espada ígnea para defender o povo de Israel; Gabriel, como o príncipe da água, que quase sempre aparece como mensageiro, como o anjo da anunciação.

Sob as asas desses seres celestiais encontrava-se o propiciatório da arca, uma placa retangular de ouro que constituía o trono de Deus, o local para a concessão das graças. Segundo a descrição feita em Levítico 16:14, o sacrifício era feito justamente sobre essa placa onde o sacer-

dote deveria espargir o sangue do cordeiro no lado oriental, onde nasce o sol espiritual.

Não podemos deixar de notar a semelhança com o Chac Mool que carrega sobre sua barriga uma placa retangular ou circular, onde também eram feitas as oblações.

Além disso, o Chac Mool é sempre representado com a cabeça virada para o lado. Na antiguidade, o ato de “virar-se” era associado à adoração. Tanto que o termo grego que designa veneração na bíblia (*proskuneo*) pode ser traduzido como “virar a face para beijar ou reverenciar”.

Assim como o Chac Mool ocupa uma posição central entre os deuses e os homens, assim também a arca da aliança encontrava-se no ponto mais interior do taber-

náculo, o *Sanctum Sanctorum*.

O próprio nome Chac Mool nos fornece subsídios sobre sua origem. Na linguagem maia, ele significa Jaguar Vermelho, e uma antiga lenda maia nos conta sobre um jaguar branco que, por intermédio do sangue sagrado, é tingido de vermelho e, ao ser iluminado pelo sol, transforma-se em um jaguar dourado.

Entre os rosacruzistas, também ouvimos falar da rosa branca de João Batista que, após ser tingida de vermelho pelo novo sangue anímico, é glorificada pelos cálidos raios do sol espiritual e se reveste do ouro alquímico da redenção.



# Quetzalcoatl

*Os antigos diziam: aqui não é nossa  
morada.  
Não estamos destinados a permanecer  
aqui para sempre.  
Avançando mais além, em busca da  
outra vida,  
deixarei para trás as belas flores.  
E, por um momento, sinto meu  
coração pesado,  
pois esses sublimes hinos não nos  
pertencem,  
eles nos são tão-somente emprestados.*

Martin Auer



Em muitas lendas da América Central, Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, é a manifestação suprema da divindade no mundo das formas. Os maias o chamavam Gucumatz, ou ainda Kukulcã, “o deus que é venerado até o infinito”. A tradição diz que esse Mestre de Sabedoria teria vindo do Oriente por mar, numa embarcação que avançava inteiramente só, sem remos. O Oriente é a aurora, o sol levante. Em todos os tempos, os buscadores da Verdade voltaram-se para o leste para ir ao encontro da luz que renasce.

Quetzalcoatl teria, igualmente, partido para o leste com a promessa solene de voltar um dia. Conta-se que ele navega numa jangada feita de serpentes entrecruzadas. Mais tarde, os toltecas e os astecas representaram Quetzalcoatl com mais precisão, sob os traços de um homem branco irradiante de luz: um personagem misterioso... solidamente constituído, fronte ampla, grandes olhos e uma barba anelada, trajando uma longa veste branca. Ele condenava os sacrifícios, exceto os de flores e de frutos. Quando, diante dele, falava-se de guerra, ele tampava os ouvidos. Ele era o deus da paz...

○ sol procede do homem!

○ O significado desse deus tem raízes extremamente profundas. A mensagem que ele trouxe, sua visão das coisas em toda sua beleza, não perde em



nada para os outros enviados da Luz. Os índios pré-colombianos possuíam uma linguagem e uma sabedoria denominados *nahuatl*, mas não tinham nenhuma palavra para expressar o conceito de religião, pois para eles existia apenas a vida. A vida do índio não era nada mais que um “caminho” através do espaço-tempo, caminho esse que conduzia à grande vida solar do outro lado da fronteira da morte. Não era o asteca um elemento do sistema solar? Não tinha ele em si tudo o que existia no sistema solar? Sendo, ele mesmo, uma parcela do grande Todo, não tinha ele, também em si, uma centelha do radiante fogo solar? Eis por que ele trazia em seu coração o orgulho de ser como um sol em miniatura que seguia, através do espaço e do tempo, oferecendo-se ao Senhor da Vida para fundir-se no grande fogo solar.

O índio não glorificava o intelecto, como o fazemos hoje. O *nahuatl* já havia descoberto há tempos que o homem possui um centro no interior de si mesmo a partir do qual observa e experimenta o Universo. A essência da existência reside no coração, centro da alma individual, em estreita ligação com a alma cósmica: o “caminho” consiste na divinização progressiva da alma humana. Esta é a razão por que os antigos ensinamentos de

Sabedoria do México explicam que o sol que dá vida a todo o Universo nasceu da oferenda da humanidade. O grande fogo cósmico no céu não pode existir sem que os homens, os guerreiros no “caminho”, mantenham seu coração aberto em oferenda. É mantendo o coração “livre” que eles realizam o Universo. Esse povo do México estabelece uma relação especial entre o homem e o sol. Cada indivíduo é determinante para a salvação do conjunto. Por conseguinte, a salvação pessoal é inconcebível. Não somos partes do todo? Se o todo não for libertado, não existe nenhuma razão nem qualquer possibilidade de libertação para o indivíduo.

### O mito de Quetzalcoatl

Para os *nahuatl*, Quetzalcoatl personificava o homem divino ou o deus humano, um herói do Espírito que, através dos ciclos universais de sofrimentos místicos, de mortes e de renascimentos, recebe a vida original e participa do estado de consciência da vida solar.

Um dos mitos de Quetzalcoatl o descreve como um rei de pureza absoluta até o dia em que, sob a influência de conselheiros duvidosos, embriaga-se de *pulque* e comete um ato que o aprisiona a terra. Desesperado

Vista dos fragmentos do templo de Quetzalcoatl com cabeças de serpente.



## Lendas de sóis

*O México é um reino do sol. Por mais diversas que sejam as formas sob as quais os deuses apareçam, definitivamente tudo emana do deus sol. Confirmando isto, assim diz um texto nahuatl:*

*“Minha flores não fenecerão nem meus cantos terão fim. Eles desabrocham e se expandem.*

*Agora, nosso pai, o Sol, declina. Drapejado em suas plumas suntuosas, ele desce em um cinerário de pedras preciosas e avança, ornado de colares de turquesas, em meio a uma eterna chuva de flores...”*



por essa conduta que ele considera a mais culpável infração, ele decide infligir a si mesmo uma punição que ao mesmo tempo servirá de exemplo. Ele abandona seu reino bem-amado e se sacrifica através do fogo do sol. Enquanto seu corpo é consumido, seu coração sobe ao céu para tornar-se o planeta Vênus. A dor pelo erro cometido e seu intenso sentimento da necessidade de purificação dão ao mito um caráter universal, como o fogo tornando-se pura luz. O sofrimento do deus está intimamente ligado ao sofrimento conhecido por toda a humanidade ao longo de sua história, pelo mundo inteiro. A alma individual pode alcançar uma consciência libertadora mediante as experiências em que os aspectos tenebrosos, seguidamente dilacerantes, são tão necessários quanto os aspectos espirituais e luminosos. Tal é a condição humana na qual o único erro verdadeiro reside na ignorância, que torna o mundo uma carga extenuante.

Quetzalcoatl ensina o caminho que se abre para a humanidade, e o percorre; ele abandona as coisas do mundo e até mesmo prepara o fogo purificador no qual mergulhará. Não devemos pensar, como a lenda o mostra, que ele tenha desperdiçado sua vida: é justamente sua oferenda que o faz alcançar a unidade eterna ao liber-

Embaixo: “Homem na serpente”, La Venta, México. É sem dúvida a mais antiga representação da Serpente Emplumada, Quetzalcoatl. No Egito, na Índia e na China encontramos também serpentes emplumadas, ou dragões. Elas simbolizam as inefáveis forças cósmicas que trazem os mundos à manifestação. É também uma metáfora que exprime o renascimento da alma e a renovação espiritual.

tar-se do transitório e de seu correspondente estado de consciência.

Vênus, a beleza da alma

A maioria dos mitos da Criação fala de períodos anteriores em que o mundo não era ainda habitado por animais. A humanidade foi criada justamente no início da era de Quetzalcoatl, ou seja, depois de o homem ter descoberto que um princípio espiritual vivia nele. Por essa razão, os índios consideram Quetzalcoatl o criador do homem e de suas obras: ele é o deus que ajuda os homens a se sustentarem (ele ensinou-lhes a agricultura). Ele é também um deus salvador, pois é o Senhor que venceu a morte. Ele é ainda o Guardião dos Mistérios e, por isso, o deus dos sacerdotes.

Podemos compreender por que Vênus, com suas aparições periódicas, simbolizava a ressurreição. Ela representa a alma em sua aspiração ao amor e à beleza. Ela está no centro de um drama cósmico em que o homem deve travar o combate da libertação.

Após ter brilhado no céu ocidental, Vênus desaparece no horizonte como que “sob a terra”, e permanece invisível por muitos dias para reaparecer no oriente, mais deslumbrante que antes, ao mesmo tempo em que se dá o nascimento do sol. Este caminho é o mesmo seguido pela alma, que deixa sua morada celeste para descer nas trevas da matéria, antes de ascender em glória, ao desligar-se de seu corpo.

O mito de Quetzalcoatl simboliza o ciclo de morte e de ressurreição: a alma ressuscitada reencontra seu lugar no reino que abandonou há tempos. A absoluta pureza do rei refere-se à sua identidade planetária, quando ele ainda era pura luz, e a seu microcosmo em seu estado divino. Rei do

céu, *Quetzal* (pássaro, em nahuatl) e também da terra, *Coatl* (serpente de água), ele corresponde ao grande plano da Criação, harmonizando-se perfeitamente com as forças naturais e celestes. A sabedoria nahuatl deixa-se entender a partir de seus principais símbolos: o pássaro, pela altitude de seu vôo, e a serpente que devora a natureza terrestre. Ela também inclui a idéia de purificação de todo o ser pelo conhecimento da paz, bem como a de deixar-se guiar pelo ser verdadeiro e indivisível.

Quetzalcoatl e Hermes

O deus Quetzalcoatl, com plumas ígneas, eleva-se diante do homem como símbolo da serpente de fogo purificada e gloriosa. Na tradição egípcia é o caduceu que se eleva como poderoso símbolo do renascimento do homem, como símbolo de sua ressurreição, quando ele se alça ao plano do homem-alma-espírito. Em auto-oferecência, ele se torna semelhante a Quetzalcoatl. Sim, ele se torna Quetzalcoatl, o filho do Criador, o Filho do Pai-Mãe, Itzamná.

Assim como o sábio supera o sofrimento e a verdadeira realeza transcende a justiça terrena, assim também a alma do peregrino, no decorrer dos séculos, se liberta das cadeias do desejo e se torna imortal como Quetzalcoatl, rei do céu e da terra.

# Bibliografie

- Anônimo: *O evangelho dos doze santos*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1985.
- Bíblia, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, tradução J.F. Almeida, 1995.
- Blavatsky, H.P., *A doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1974.
- Calleman, C.J., *De mayakalender en de transformatie van het bewustzijn*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Calleros, M.A.V., *Chizén Itzá, la ruta iniciática de los mayas*, Edição do autor, 1996.
- Collins, A., *Gateway to Atlantis*, Londres: Headline Books, 2000.
- Cordan, W., *Popol Vuh, het heilig boek van de Mayas*. Deventer: Ankh-Hermes, 1977.
- Cotterell, M., *Voorspellingen van Toet en Amon*. Viena: The House of Books, 2001.
- Donnelly, I., *Atlantis, the antediluvian world*. Nova Iorque, sem data.
- Gallenkamp, C., *Maya, het raadsel van een verloren en hervonden heschaving*. Amsterdã: Elsevier, 1963.
- Gilbert, A. & Cotterell, M., *The Mayan profecies*. Schaftesburg: Element Books, 1995.
- Girard, R., *Esotericism of the Popol Vuh*. Pasadena: Theosophical University Press, 1979.
- Hancock, G., *Spiegel van de hemel*. Baarn: Tirion, 1998.
- Hancock, G., *Underwereld*. Baarn: Tirion, 2005
- Hancock, G., *Het ontstaan en einde van alles*. Baarn: Tirion, 1998.
- Harpur, T., *De 'heidense' Christus, herontdekking van het verloren*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Heindel, M., *Conceito Rosacruz do cosmos*, 2 ed. São Paulo: Fraternidade Rosacruz, 1977.
- Jenkins, J. M., *Het einde van de Maya kalender 2012*. Decodering van de Maya cosmogenesis. Deventer: Ankh-Hermes, 1998.
- Jones, D.M. & Moyneaux, B. L., *Mythology of the american nations*. Londres: Hermes House Publ., 2001.
- Knibb, M. A., *Het boek Henoeh, het eerste*. Deventer: Ankh-Hermes, 1983.
- Laslo, E., *Kosmiche visie: wetenschap en het Akasha-veld*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- McTaggart, L., *Het veld. De zoektocht naar de geheime kracht van het universum*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Morley, S. G. & Brainard, G.W., *The ancient Maya*. Stanford University Press, 1985.
- Parsons, C. E., *Mitla town of the souls and others Zapotec-speaking pueblos of Oaxaca, México*. Chicago: 1936.
- Petri, C. de, *O Verbo vivente*. Jarinu: Rosacruz, em preparação.
- Platão, *Timeu e Crítias*. São Paulo, Hemus, 2002.
- Ramaswamy, S., *The lost land of Lemuria*. Berkely University Press, 2004.
- Rijkenborgh, J, v., *O apocalipse da nova era*. (Em preparação).
- Rijkenborgh, J, v., *A arquignosis egípcia*, t. 4. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1991.
- Rijkenborgh, J, v., *O chamado da Fraternidade Rosacruz*. Jarinu: Rosacruz, 2004.
- Rijkenborgh, J, v., *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987.
- Rijkenborgh, J, v., *Filosofia elementar da Rosacruz moderna*. Jarinu: Rosacruz, 2003.
- Sahagun, B. de, *1499-1590. General history of the things of New Spain*, coletânea de vários textos. Santa Fé: 1950-75.
- Schele, L. & Freidel, D., *A forest of kings. The untold story of the ancient Maya*. Nova Iorque: William Morrow, 1990.
- Schepel, S., *Enuma elisj*. Deventer: Ankh-Hermes, 2002.
- Séjourné, L., *Burning in water: thought and religion in ancient Mexico*. Berkely: Shambala, 1976.
- Scott-Elliot, W., *The story of Atlantis*. Londres: Theos. Publ. Soc., 1896. Shaftesbury, 1995.
- Slavenburg, J. & Gludemans, W., *De Nag-Hammadi geschriften*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Toonen, P., *De natuurlijke tijd. Berichten van de oude maya's voor de nieuwe tijde*. Laren: Petiet, 2002.
- Zwaal, N., *De Maya dragers van universele wijsheid*. Amsterdã: De Morgenster, 2005.



A partir deste mês, você poderá assinar a revista Pentagrama e recebê-la em sua casa pelo correio.

O valor da assinatura é de R\$ 57,00 (correio incluso).

Ela poderá ser feita pelo e-mail:  
assinatura@editorarosacruz.com.br,  
por telefone: (11) 4016.1817  
ou pelo fax: (11) 4016.3857.

O CONHECIMENTO  
QUE ILUMINA



## O CONHECIMENTO QUE ILUMINA

Terceiro volume da série Cristal, traz *O Evangelho da Verdade*, que faz parte dos achados de Nag Hammadi (1945) e *O Evangelho de Maria*, que é o primeiro dos quatro escritos do Códice de Berlim, descobertos no Egito em 1896.

*O Evangelho da Verdade* nos deixa ver como a Gnosis pode religar os homens ao Conhecimento perdido e, assim, libertá-los e unificá-los novamente com Deus.

*O Evangelho de Maria* nos mostra a luta interior dos homens que seguem o caminho gnóstico de libertação: a luta entre o eu comum e a alma renascida que, voltando-se para a Pátria original, anseia chegar à libertação derradeira.



EDITORA ROSACRUZ  
Caixa Postal 99 – 13.240-000 – Jaram – SP – Brasil  
Tel (11) 4016.1718 – fax 4016.5638  
www.editorarosacruz.com.br info@editorarosacruz.com.br

1ª ed. dez. 2005 – 80 pgs.  
ISBN 85-88950-19-7



*Após a purificação do coração, o guerreiro era  
mergulhado na fonte santa chamada cenote.  
Nessa fonte, todo o sistema era renovado.  
O guerreiro, assim renascido, recebia um lugar  
no Templo dos Guerreiros.*

*(O jogo de bola dos Maias, p. 21)*